

DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Comercial, venda, sexta-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onça troy no Comex de Nova York (em US\$)	Prefeixa, 31 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
08/abril 2,88	12/abril 2,88	3,530	400,50	Outubro/2003 0,29
13/abril 2,89	14/abril 2,88	(▼1,64%)	(▲0,40%)	Novembro/2003 0,34
14/abril 2,88	15/abril 2,91	15,69		Dezembro/2003 0,52
				Janeiro/2004 0,76
				Fevereiro/2004 0,61

POLÍTICA ECONÔMICA

Economia - Brasil

Mais dois bancos estrangeiros, incluindo o gigante Citigroup, recomendam a seus clientes que deixem de investir no Brasil. Mesmo assim, mercado financeiro reage e tem ligeira melhora em todos os índices

Época de incerteza

VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

Depois do estrago feito na quinta-feira pelo banco norte-americano JP Morgan, os principais indicadores do mercado financeiro registraram uma pequena melhora ontem. Mas esse resultado não foi sinal de calmaria entre os investidores. Muito pelo contrário. A sexta-feira já começou nervosa com a divulgação de um relatório do Citigroup, também rebaixando os investimentos no Brasil. O país passou de um patamar acima da média do mercado (*overweight*) para levemente abaixo da média (*moderate underweight*). Ou seja, o Citi recomendou aos investidores que diminuam, o quanto antes, suas aplicações em títulos brasileiros.

Para piorar o clima, logo após o almoço a corretora Merrill Lynch, também dos Estados Unidos, sugeriu a seus clientes que saíssem da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), cujo desempenho neste ano está aquém das expectativas. Segundo a corretora, os investidores devem trocar a bolsa brasileira pelo mercado mexicano, que registra os fundamentos econômicos mais sólidos entre os países emergentes. Na avaliação da Merrill Lynch, o ajuste fiscal do México está muito bem encaminhado e há claros sinais de recuperação da atividade produtiva.

O dia só não foi de todo desastroso porque o banco americano WestLB funcionou como contraponto ao pessimismo em relação ao Brasil. A instituição afirmou que o país continua sendo, pelo menos em curto prazo, uma boa opção de investimento, devido às altas taxas de juros dos títulos do governo — 16% ao ano. "Não há dúvidas que as incertezas que rondam o Brasil incomodam. Mas, segundo a nossa área de pesquisas, ainda vale a pena correr os riscos do Brasil diante do tamanho dos juros pagos por aqui", afirmou ao *Correio* o economista-sênior do banco, Adauto Lima.

No fim do dia, depois das fortes oscilações, o dólar foi cotado a R\$ 2,909, com baixa de 0,31%. O índice Bovespa cravou ligeira alta de 0,14%, nos 21.768 pontos, mas o pregão paulista encerrou a semana com perdas de 4,2%. O risco Brasil, por sua vez, caiu 3% no dia, para 594 pontos, subindo 9% na semana e 27% no mês. O C-Bond, principal título da dívida externa brasileira, avançou 1,48%, vendido a 94,5% de seu valor de face.

Economia dos EUA

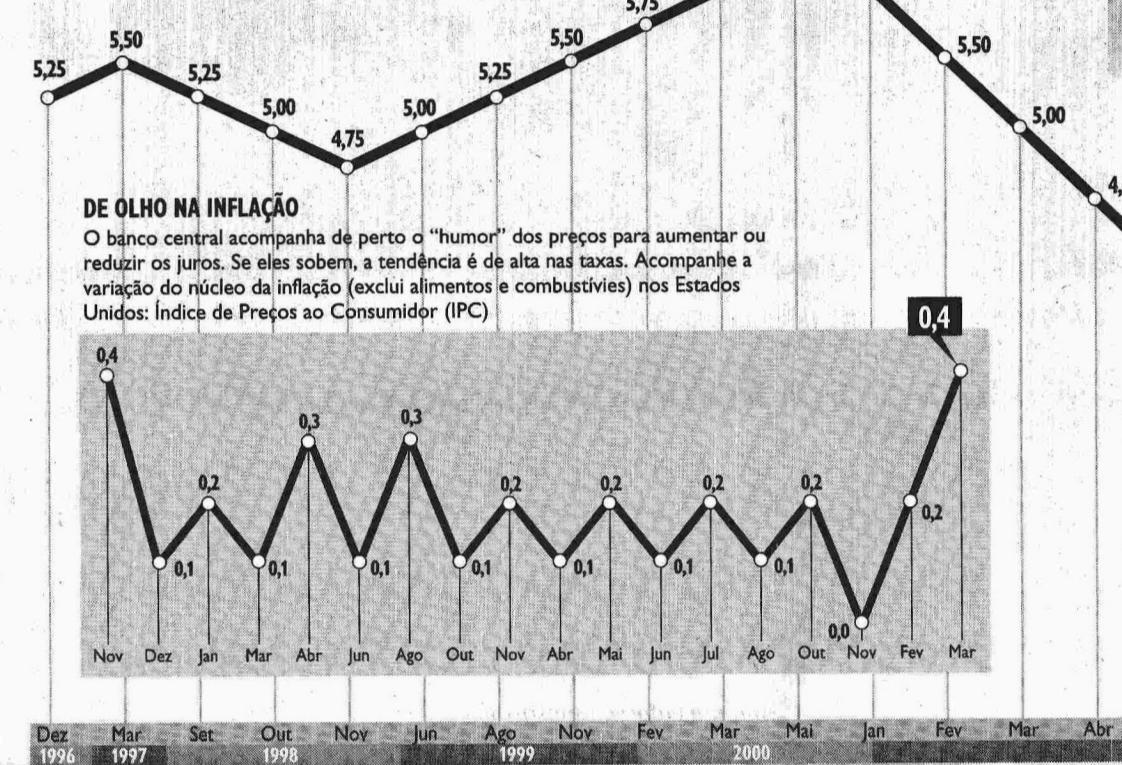
Para recomendar a saída dos investidores, o Citigroup alertou, no relatório de 25 páginas, sobre a deterioração das expectativas no mercado externo e seus reflexos no Brasil. Há, de acordo com o Citi, um grande risco de alta nas taxas de juros nos EUA no início do 2º semestre. Esse aumento decorria do repique inflacionário naquele país e do forte ritmo da atividade econômica — a indústria recuperou 0,2% em março. "Os juros mais altos nos EUA reduziram o fluxo de recursos para os países emergentes, e o Brasil seria o maior prejudicado, diante de sua importância para o mercado global", destacou o diretor de Pesquisas do Citi, Thomas Trebat.

Na prática, o Citi teme que a redução do fluxo de recursos estrangeiros para o Brasil acabe

O VAIVÉM DOS JUROS

Taxa básica nos Estados Unidos

Em % ao ano



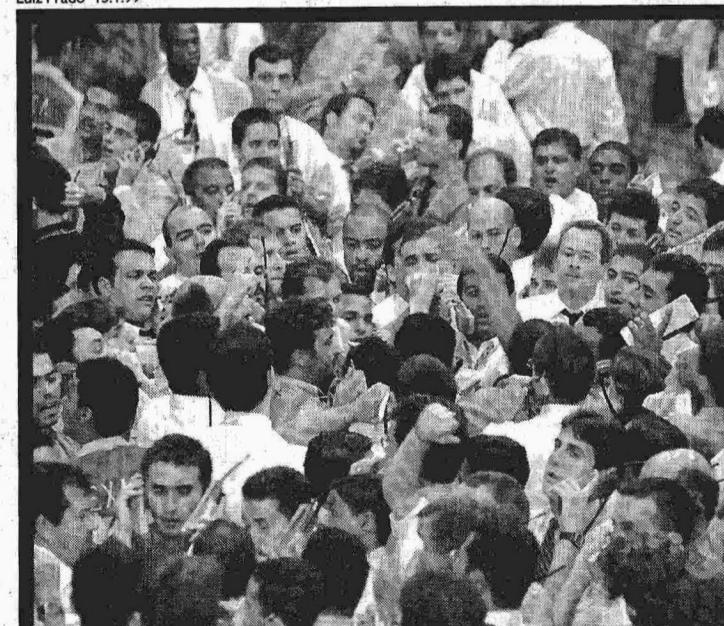
POR QUE O BRASIL É AFETADO

- Os juros em alta nos EUA tendem a inibir o fluxo de capitais para os países emergentes, como o Brasil. Diante da menor oferta de dólares no país, os preços da moeda americana tendem a subir, pressionando a inflação.
- O aumento da inflação pode levar o Banco Central a suspender a queda dos juros ou mesmo ter de aumentá-los. O resultado disso é crescimento menor, desemprego maior e renda do trabalhador em queda.
- A alta dos juros nos EUA tendem, ainda, a levar outros países a aumentarem suas taxas. Assim, a economia mundial, que já não anda tão forte, pode se retrair, reduzindo as exportações brasileiras e a entrada de dólares no país.

Fonte: Fed

* Menor taxa desde 1958

Luiz Prado 13.1.99



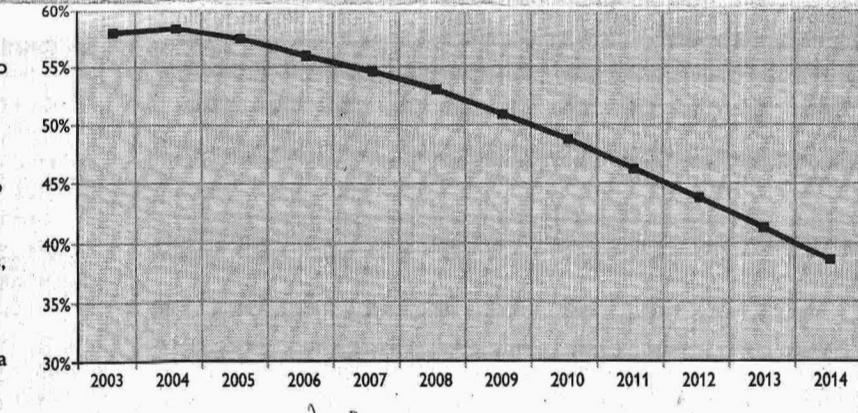
PREGÃO DA BOVESPA: ALTA ONTEM, MAS QUEDA DE 4,2% ACUMULADA NA SEMANA

ENTENDA O MOVIMENTO DA TAXA

- O barateamento do crédito incentiva os consumidores a fazer compras a prazo e a se endividar.
- Com o crescimento do consumo, as empresas tendem a investir para manter ou aumentar a produção.
- O aumento do consumo e dos investimentos reaquece a economia, que volta a crescer.
- Se o crescimento trouxer risco de aumento da inflação, o banco central norte-americano elevará a taxa básica de juros, o que pode afetar o Brasil (leia abaixo).

O QUE O GOVERNO BRASILEIRO QUER

A meta do governo é manter o ajuste fiscal para que tenha condições de derrubar a taxa de juros e permitir crescimento maior da economia. Segundo o Tesouro Nacional, se mantido um superávit primário de 4,25% do PIB nos próximos dez anos, com a economia crescendo entre 2,5% e 3% ao ano, a relação da dívida pública com o PIB cairá dos atuais 58% para cerca de 40%. Veja gráfico:



66
JUROS MAIS ALTOS NOS EUA REDUZIRIAM O FLUXO DE RECURSOS PARA OS PAÍSES EMERGENTES, E O BRASIL SERIA O MAIOR PREJUDICADO

Thomas Trebat, diretor de Pesquisas do Citi

pressionando os preços do dólar, que têm se mantido estáveis, entre R\$ 2,85 e R\$ 2,95, nos últimos 12 meses. O dólar mais caro, explicou o economista-chefe para a América Latina do HSBC Securities, Paulo Vieira da Cunha, certamente vai pressionar a inflação. Para conter esse movimento, o Banco Central brasileiro seria obrigado a suspender o processo de baixa na taxa básica de juros (Selic) ou mesmo inverter o processo e aumentá-la. Nesse contexto, o crescimento ficaria comprometido e as críticas contra o governo se agigantariam, criando mais instabilidade.

Thomas Trebat chamou ainda a atenção para o alto volume de compromissos brasileiros no exterior ao longo deste ano: US\$ 40 bilhões. Esses pagamentos podem ficar comprometidos com a diminuição da oferta de recursos

no mercado internacional. "O contexto global claramente mudou. O período de juros estável está chegando ao fim. É lógico que a liquidez internacional não vai acabar. Mas estamos sinalizando aos nossos clientes para irem se preparando para um período talvez longo pela frente, em que veremos aumentos sucessivos dos juros nos EUA", afirmou.

A escassez de recursos pode dificultar os planos do Brasil de captar US\$ 2,5 bilhões no mercado externo ainda em 2004. Esse dinheiro seria usado para reforçar as reservas internacionais do país, que ainda estão em níveis baixos: US\$ 21,2 bilhões, quando descontados os recursos do Fundo Monetário Internacional (FMI). Pelo menos, pelo não, o presidente do BC, Henrique Meirelles, avisou, em Xangai, na China, que o Brasil não fará emissões externas de títulos

neste ano. Mas estão mantidos os planos do governo de elevar as reservas cambiais para US\$ 30 bilhões (leia mais na página 13).

O Citigroup questionou o potencial de expansão da economia brasileira. "Dados recentes sugerem que o Brasil chegou a um tipo de limite na capacidade de crescer sem inflação". Mais à frente, o banco americano deu uma cutucada no Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, por reduzir a Selic de forma muito conservadora. O corte mais recente de 0,25 ponto percentual, na avaliação do Citi, foi muito tímido. Para o Banco WestLB, no entanto, o BC está na direção correta, ao ser prudente na condução da política monetária. "Estamos mantendo nossa projeção de crescimento para o PIB brasileiro em 3,5% neste ano", ressaltou Adauto Lima.